



A difusão folkmediática da cultura gonzagueana. Sítio Luiz “Lua” Gonzaga: de Exu, Pernambuco, para o Mundo¹

Fábio Rodrigues Corniani²

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

Orlando Maurício de Carvalho Berti³

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

URSA – Universidade R.Sá (Picos – PI)

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus de Picos – PI e Teresina – PI)

Resumo

Este trabalho pretende fazer uma análise folkcomunicacional do sítio Luiz “Lua” Gonzaga (www.luizluagonzaga.com.br), que retrata a cultura gonzagueana, em homenagem a um dos maiores artistas brasileiros: Luiz Gonzaga. Como essa cultura, iniciada na cidade pernambucana de Exu transpassa fronteiras e ganha reverberação mundial, via Internet. Para isso utilizamos a teoria da Folkcomunicação, com recorte na Internet, caracterização da cidade de Exu (PE) e da vida de Luiz Gonzaga, pontos da cultura gonzagueana e como o reverberar comunicacional promove novos horizontes dos culturalmente marginalizados, via Internet.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Cultura Gonzagueana; Internet; Luiz Gonzaga; Luiz “Lua” Gonzaga.

1. A folkcomunicação e a Internet

Nesta etapa, apresentaremos uma fundamentação teórica introduzindo alguns conceitos básicos sobre a Folkcomunicação (linha a qual foi aplicada esta pesquisa) e a Internet (canal por onde é transmitido nosso objeto de estudo). Para depois apresentarmos nosso objeto de estudo, caracterizando-o. Em um terceiro momento realizamos análise mostrando as peculiaridades folkmediáticas do sítio Luiz “Lua” Gonzaga.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Folkcomunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESp – Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Folkmídia pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. **E-mail: fcorniani@hotmail.com**

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESp – Universidade Metodista de São Paulo. Professor e pesquisador da URSA – Universidade R. Sá (Picos – PI) e da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI e Picos –PI). Fundador, membro efetivo e orientador dos grupos de pesquisa em Folkcomunicação e Cultura Popular Nordestina, com ênfase em Folkcomunicação Religiosa na URSA e UESPI, Piauí. **E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br**



1.1. Folkcomunicação

O termo Folkcomunicação surge em decorrência dos estudos de Luiz Beltrão com sua tese de doutorado (1967). Essa tese germinou de um artigo da revista *Comunicação & Problemas* (1965), tratando das esculturas, objetos, desenhos e fotografias depositadas pelos devotos nas igrejas, que possuíam nítida intenção informativa. Eram peças que deixavam de ser acerto de contas celestiais, veiculando jornalisticamente o potencial milagreiro dos santos protetores.

Ele foi um dos pioneiros na introdução do estudo científico da Comunicação no Brasil. Apoiou-se nos ensinamentos do pesquisador austríaco, naturalizado norte-americano, Paul Felix Lazarsfeld, que dizia haver no processo da comunicação coletiva duas etapas significativas: a do comunicador ao líder de opinião e a deste ao receptor comum.

Através dos estudos de Lazarsfeld iniciam-se as pesquisas de opinião pública. O livro *People's choice* (Lazarsfeld, Berelson e Gaudet), publicado em 1941, estuda as variações e condicionantes do comportamento dos eleitores na eleição presidencial de 1940.

Com isso, eles chegaram à conclusão de que as mensagens persuasivas atuam como reforço de atitudes previamente estabelecidas.

Lazarsfeld introduz em seus trabalhos científicos a presença dos líderes de opinião, levando à compreensão de certos pontos que precisavam ser esclarecidos dentro desse campo, como, principalmente, a participação dos líderes de opinião na decisão dos eleitores.

Em todo grupo existem indivíduos que tem mais contato com os meios de comunicação e, ao mesmo tempo, direcionam a comunicação interna do grupo, segundo o paradigma de L “two steps flow of communications”.

Este paradigma, cuja autoria é atribuída a Lazarsfeld, vai contra os conceitos da teoria hipodérmica onde “cada elemento do público é pessoal e diretamente ‘atingido’ pela mensagem” (LAZARFELD, 1964, 79).

Segundo Toussaint, líderes de opinião são “os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois a pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante” (TOUSSAINT, 1992, p. 32).



Partindo desses estudos, Beltrão identifica o processo folkcomunicação. Uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui. Mas no processo folkcomunicação, neste ponto inicia-se um novo ciclo no fluxo da mensagem.

Os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência Folk.

A audiência folk é formada por grupos marginalizados da sociedade, porém há diversas conotações para a expressão marginal, por isso é importante definirmos uma que mais nos convém. Temos como marginal “um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente” (BELTRÃO, 1980, p. 39).

Seguindo o pensamento de Beltrão temos três tipos de grupos marginalizados que compõem a audiência folk: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

1.1.1. Os grupos rurais marginalizados

Os grupos rurais marginalizados são constituídos de “habitantes de áreas isoladas (carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país” (BELTRÃO, 1980, p. 39).

Estas pessoas são na maioria dos casos analfabetas ou semi-analfabetas ou ainda analfabetas funcionais. Possuem um vocabulário peculiar, reduzido e extremamente regional.

Para se comunicarem, os grupos rurais marginalizados valem-se, preferentemente, de canais interpessoais diretos, como as conversas, o relato de “causos” e as normas e regras sociais, que são transmitidas através da oralidade pelos parentes, como pais, avós e irmãos mais velhos, e também através de líderes de sua comunidade, como pastores, velhos e etc.



1.1.2. Os grupos urbanos marginalizados

Os grupos urbanos marginalizados caracterizam-se pelo reduzido poder aquisitivo devido à baixa renda. Esses grupos são formados por indivíduos que recebem pequenos salários, em empregos ou subempregos que não exigem mão-de-obra especializada, como construção civil, estiva, limpeza e conservação de edifícios, oficinas de reparos, trabalhos domésticos, ofícios e atividades as mais modestas (engraxates, remendões, bombeiros, ambulantes, olheiros e lavadores de carro etc.) Além de pequenos negociantes, servidores públicos subalternos, aposentados, menores sem ocupação, biscateiros e pessoas que vivem de expedientes ilegais – “ladrões, prostitutas, proxenetas, passadores de ‘bicho’ e foragidos da justiça” (BELTRÃO, 1980, p. 55).

Estes grupos se concentram em favelas, construções populares de baixo custo ou nenhum custo em áreas periféricas dos centros urbanos.

A habitação, em si, também gera doenças e incapacidade para o trabalho e para a integração/ascensão social de tais indivíduos: em geral tem um só cômodo, construindo-se um prolongamento (puxado) para o fogão e o ‘quartinho’, em que se banham e atendem às suas necessidades fisiológicas. A água para beber e para a serventia vem às vezes de chafarizes públicos e, de outras, de poços cavados pelos próprios moradores, sem qualquer tratamento, diariamente recolhida em latas de querosene pelas mulheres... (BELTRÃO, 1980, p. 56).

Este contexto citado por Beltrão permanece atual até os dias de hoje nos subúrbios dos centros urbanos, onde as pessoas se espremem em morros ou terrenos baldios, vivendo em barracos ou até casas de alvenaria, porém muito simples e normalmente muito pequeno. Além dos problemas com a moradia, estas pessoas também sofrem dificuldades com o transporte, haja vista que, na maior parte, os bairros da periferia, como o próprio nome já sugere, ficam isolados geograficamente. Os meios de transporte urbanos geralmente não chegam a esses bairros, fazendo com que a população recorra a meios de transporte alternativos como as lotações. Há também casos em que a única forma de se chegar a um local dentro de uma favela é andando, devido à precariedade das vias de acesso.

Os grupos urbanos marginalizados têm acesso limitado aos meios de comunicação de massa, principalmente devido a sua dificuldade na decodificação de suas mensagens. Esta dificuldade surge pelo baixo nível educacional, pois grande parte



das pessoas pertencentes a estes grupos não teve acesso a instituições de ensino. Ou pela falta de oportunidade ou falta de incentivo, formando desta forma uma grande massa de sub-letrados.

Outro motivo que gera dificuldade na decodificação das mensagens dos meios de comunicação de massa é a incompatibilidade da realidade que estes meios passam com a realidade em que estas pessoas vivem, gerando desta forma uma interpretação própria, adequando-se à sua realidade e vivência. Realidade esta que está baseada em pobreza, violência, repressão, fome, preconceito. Enfim, um pacote de situações que estão presentes no dia a dia em um subúrbio.

1.1.3. Os grupos culturalmente marginalizados

Estes grupos são considerados marginais por constituírem-se de indivíduos que contestam a cultura e a organização social estabelecida, adotando uma política ou filosofia contraposta à que está em vigência.

É importante salientar que os grupos culturalmente marginalizados estão contidos dentro dos grupos marginais urbanos e rurais, sendo que um indivíduo que pertence a um grupo culturalmente marginal, conseqüentemente estará dentro de um contexto rural ou urbano.

Existem três tipos de grupos culturalmente marginalizados que se distinguem pela sua maior freqüência em ações comunicacionais, estes são: o messiânico, o político-ativista e o erótico-pornográfico.

O grupo messiânico é composto de:

seguidores de um líder carismático, cujas idéias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças ou denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social (BELTRÃO, 1980, p. 103).

O grupo político-ativista conforme Beltrão:

...tem uma ideologia que a comunidade, em sua grande maioria, considera exótica ou insuportável. São indivíduos decididos a manter estruturas de dominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre os cidadãos, empregando a força como a arma principal para impor suas diretrizes (BELTRÃO, 1980, p. 104).



O grupo erótico-pornográfico é composto de pessoas que “não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sádios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e prática hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor” (BELTRÃO, 1980, p. 104).

1.2. A Internet

A Internet é uma rede telemática ligada a uma série de servidores e seus sistemas de informação, formando a grande teia mundial de computadores, também conhecida como *world wide web* ou apenas *www*. Ela permite o acesso a informações contidas em banco de dados e todo tipo de transferência de arquivos digitais. A formação do conteúdo é não-linear, hipermidiático e conta com um avanço tecnológico frenético, isto significa que os processos culturais associados à Internet se transformam constantemente e necessitam de estudos e pesquisas.

O que hoje forma a Internet começou em 1969 como a ARPANET, criada pela ARPA, sigla para *Advanced Research Projects Agency*, ou Agência de Pesquisa de Projetos Avançados, uma subdivisão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Ela foi criada durante a chamada “guerra-fria” entre EUA e União Soviética, afinal, os dados valiosos do governo americano não poderiam correr riscos de serem interceptados ou exterminados pelos inimigos. A solução encontrada foi descentralizar o poder de acesso a estas informações, isto evitou a perda destes dados no caso de, por exemplo, uma bomba explodir o servidor central. Inicialmente ela foi usada pelas universidades, onde os estudantes poderiam trocar, de forma ágil para a época, os resultados de seus estudos e pesquisas. A rede coletiva ganhou uma maior divulgação pública nos anos 90. Em agosto de 1991, Tim Berners-Lee publicou seu novo projeto para a World Wide Web: o *browser*⁴, dois anos depois de começar a criar a linguagem HTML e o protocolo *http*, assim surgem as primeiras páginas. Em 1993, o Web Browser (navegador) Mosaic 1.0 foi lançado e no final de 1994 já havia grande interesse público na Internet. Em 1996 a palavra Internet já era de uso comum, principalmente nos países desenvolvidos, referindo-se na maioria das vezes à “*www*”, este é o início do período conhecido como Internet Comercial e que presenciamos até os dias de hoje.

⁴ Browser: software responsável por dar acesso multimidiático ao conteúdo da Internet. Ex: Internet Explorer, Netscape e Firefox.



O Brasil passou a conectar-se a esta grande rede em 1990 e já no ano seguinte presenciou a chegada do projeto de Tim Berners-Lee, engenheiro do laboratório Europeu de Física de Partículas, de Genebra (Suíça), para a implementação da “www” como modo de organização e visualização das informações e dos arquivos na rede. Hoje, no Brasil temos cerca de 18 milhões de brasileiros com algum tipo de acesso à Internet, segundo dados do IBOPE/NetRatings de 2005, dentre estes o tempo médio de acesso por mês é de cerca de 15 horas.

A cibercultura é um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual, ou ciberespaço. Estas comunidades estão ampliando e popularizando a utilização da Internet e das novas tecnologias de comunicação, possibilitando assim maior interatividade entre as pessoas de todo o mundo. Este termo se relaciona diretamente com a dinâmica política, antropológica, econômica e filosófica dos indivíduos conectados em rede, bem como a tentativa de englobar os desdobramentos que este comportamento requisita.

2. A cultura gonzagueana

Entendemos por cultura gonzagueana todos os aportes culturais relacionados à obra de Luiz Gonzaga, inclusive seus aportes midiáticos e seus meios de representação e divulgação, massivos ou não, principalmente que estão voltados para a sua terra (Exu, Pernambuco) e para sua cultura e história de vida.

2.1. A cidade de Exu

Foi em Exu onde Luiz Gonzaga nasceu. Exu está localizada na microrregião de Araripina, no extremo Oeste do Estado de Pernambuco. É a cidade mais distante da capital pernambucana: Recife (688 quilômetros). Segundo o sítio do IBGE⁵ o município tem 32.779 habitantes (com população rural maior que a urbana) distribuídos em uma área de 1.251 quilômetros quadrados, com 523 quilômetros acima do nível do mar. A cidade é banhada pelo rio Brígida (que é temporário) e está às margens de duas rodovias federais: as BRs 122 e 232, em pleno Sertão nordestino.

⁵ Dados de 1º de junho de 2006. Disponível no endereço eletrônico: www.ibge.gov.br/cidades

O Município de Exu começou a povoar-se no início do século XVIII, pelas viagens dos índios da tribo Ançu que logo se instalaram em local de muitas nascentes e bons terrenos, junto com eles, trouxeram fazendeiros e vaqueiros, entre eles, Leonel de Alencar Rego e João Francisco Alexandre, os principais fundadores da cidade (EXU, 2003 in SARAIVA, p. 24).

Por conta de fonéticas regionais o nome Ançu terminou virando Exu.

Exu tem seu nome ligado ao turismo nacional por conta da figura de Luiz Gonzaga. Destacam-se como pontos turísticos e culturais de Exu:

Museu do Gonzagão, Igreja Matriz do Bom Jesus dos Aflitos, Museu localizado na antiga Casa de Bárbara de Alencar, ruínas da Capela do Exu Velho no Sítio Gameleira, fonte do Brejo Santo Inácio, Cruzeiro do Sacristão Daniel, Capela de São João Batista do Araripe, fósseis no distrito de Tabocas e o recanto mágico do Cantarino. Descortinando a cidade de Exu e adentrando em sua história cultural, encontra-se a figura do “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, o mais autêntico e genial compositor e intérprete da música popular nordestina, inigualável em sua força telúrica e riqueza temática, introduzindo o Nordeste no espaço da Música Popular Brasileira. (SARAIVA, 2006, p. 30-31).

Luiz Gonzaga hoje tem o nome extrapolado às fronteiras do Brasil e é um dos nomes da música brasileira mais conhecidos fora do País. Até hoje cultua-se o mito e a comunicação massiva.

2.2. O Rei do Baião

Luiz Gonzaga do Nascimento nasceu em uma sexta-feira 13, em dezembro de 1912 em uma casa simples no Sítio Caiçara, zona rural de Exu. Segundo filho do casal: Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus. Teve seu nome em homenagem à São Luiz Gonzaga.

Filho de sanfoneiro, antes de completar quinze anos Luiz Gonzaga já tocava em festas da região, animadas pelo famoso forró “pé-de-serra”, que teve este nome difundido por animar as famosas festas nos sopés (margens) das serras nordestinas.

Segundo biógrafos Luiz Gonzaga queria entrar para o bando de Lampião, o maior cangaceiro da História do Nordeste. Mas o destino o reservava outras aventuras e importância maior do que a do seu próprio ídolo juvenil.

O Sertão já era pequeno para ele e decidiu rumar para o eixo Rio-São Paulo, destino preferido dos retirantes nordestinos.

Na verdade o velho Luiz, como era carinhosamente conhecido, foi quem introduziu o Nordeste no espaço da música popular brasileira, passando a ser conhecido como o consciente e talentoso promotor da música regional. Fazendo dupla com Humberto Teixeira, logo descobriu que o baião era o mais urbanizável dos ritmos nordestinos. Mas, foi somente no dia 14 de março de 1941 que conseguiu gravar seus dois primeiros discos na qualidade de sanfoneiro solista. Cinco anos depois, somente dez das setenta músicas gravadas por Luiz eram “xamegos”, finalmente conquistando um espaço na rádio carioca. Mesmo com o título de maior sanfoneiro nordestino, Gonzaga não se sentia satisfeito, queria muito mais e conseguiu. (SARAIVA, 2006, p. 46).

Ele teve sua carreira concretizada em 1972 quando destacou-se no teatro carioca Tereza Raquel, onde lançou um disco cantando músicas de artistas famosos como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré e Edu Lobo. Luiz Gonzaga além de dar sua contribuição nacional à música fez um dos maiores feitos da história do Sertão Nordestino, pacificou a briga quase centenária entre duas famílias de sua terra natal:

Ao lado de Dom Avelar Brandão e do ex-governador Marco Maciel, Luiz Gonzaga teve decisiva participação na paz de Exu, batalhando muito em prol de sua terra natal. Além de conseguir eletricidade, trouxe para Exu a 1ª transmissora de TV, telefonia, a Rodovia Asa Branca que beneficiou também as cidades de Ouricuri e Salgueiro, criou ainda um elo mais forte entre Exu e as cidades de Crato e Juazeiro do Norte. (SARAIVA, 2006, p. 51).

Luiz Gonzaga teve dois filhos, Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha), filho legítimo, que foi criado pelo casal Dina e Xavier no morro carioca de São Carlos. O mesmo casal que o ajudara quando chegou à cidade e, Rosinha – filha adotiva, que nunca se envolveu com a música.

Em 02 de junho de 1989. No apartamento 204, do Edifício Cerejeira em Boa viagem – Recife – PE, numa cadeira de rodas, o velho cantador, de fisionomia abatida, já mostrava os primeiros sinais do seu fim. Estava muito doente impossibilitado de andar e atormentado pelo pressentimento de estar “com um mal” que não conseguia dominar: o câncer, diagnosticado pelo médico urologista pernambucano: Amauri Medeiros. Conjugando momentos de tranquilidade com imensos sofrimentos por conta do câncer e da osteoporose, ele buscava energias no ambiente junino, a poética temporada de São João e São Pedro – tipicamente nordestina. Com a fé e a bravura de um sertanejo reuniu forças para estar presente à grande homenagem que artistas de todo o país lhe prestariam no dia 06 daquele mês, no Teatro Guararapes, em Recife. Neste dia 06 de junho de 1989, sobe ao palco pela última vez com o auxílio de uma cadeira de rodas, fazendo parte do seu último show, onde demonstrou a grande preocupação em preservar os ritmos regionais. Ao lado de Gonzaguinha, Dominginhos, Alceu Valença e diversos outros amigos e parceiros e desobedecendo ordens médicas, Luiz Gonzaga, apoiado ao microfone,

Partiremos agora para a análise do site “Luiz ‘Lua’ Gonzaga”, que neste trabalho o vislumbramos como uma mensagem folkcomunicação produzida por um líder comunicador, que tenta através deste canal difundir a cultura Gonzagueana na rede de computadores Internet. Esta análise será apresentada na mesma ordem do menu do site, que contem: Início; Biografia; Retratos; Discos, Músicas e Letras; Vídeos; Seguidores; Luiz Lua no Orkut; Roteiro; Agradecimentos; Deixe seu Recado. Apresentaremos o conteúdo e faremos uma análise, observando traços da comunicação que nos remete a comunicação folk, desde imagens até a linguagem do texto.

3.2. Análise

O site apresenta inúmeros signos que nos remetem a cultura Gonzagueana. No plano de fundo temos a imagem da parede de uma casa de Pau-a-pique⁶, que é típica da região do sertão nordestino, formando desta forma uma espécie de textura que cobre todo o fundo do site.

A imagem que fica no plano principal do site é uma montagem que apresenta no plano de fundo uma foto do sertão, onde encontramos um mandacará⁷, três imagens de Luiz Gonzaga e pássaros voando, estes que representam a Asa Branca, ave que ficou conhecida na letra da música Asa Branca. Uma das imagens do cantor é da época em que ainda era jovem, e está em uma moldura, representando desta forma um retrato típico, que até hoje é encontrado nas casas dos sertanejos. Este retrato num segundo momento se torna o menu do site. Notamos que todos elementos da imagem nos remete a região do sertão e tenta passar um pouco de sua essência dentro dos signos que compõem a imagem.

As informações do site são apresentadas em um quadro de cor sépia, que entra em consonância com o plano de fundo, representando a terra seca do sertão nordestino. Neste quadro, na página inicial, encontramos alguns links para vídeos, homenagens, livros e outros sites, como o de Gonzaguinha.

Também encontramos algumas frases como: "Seu Lua! Seja bem-vindo ao presente e à imortalidade de sua arte, nas páginas e nos links deste site. Para Sempre!". Ainda no quadro inicial encontramos também uma espécie de saudação do autor do site, onde ele escreve:

⁶ Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas, e barro. (AURÉLIO, 2000, p.520)

⁷ Cacto de porte arbóreo característico da caatinga. (AURÉLIO, 2000, p.443)

Este é um trabalho puramente cultural e sem fins lucrativos, com o objetivo de perpetuar a obra de um dos artistas mais populares deste país.

É a realização de um sonho, sonho que dividimos com todos vocês. Divirtam-se, curtam e divulguem. Um forte abraço, Paulo Vanderley Tomaz. (site Luiz Lua Gonzaga)

Desta forma o autor expõe qual a intenção do site e tenta criar uma proximidade com o leitor.

Na parte inferior do site, encontramos um outro menu, onde temos de plano de fundo um céu e uma lua. Sob a lua há um chapéu de cangaceiro⁸, similar ao que Luiz Gonzaga usava, e como o apelido do mesmo era Lua, cria-se mais uma alusão ao cantor.

Somando todos estes elementos podemos notar que o autor tenta passar uma mensagem onde ele acaba se demonstrando um fã de Luiz Gonzaga e sertanejo, tornado-se desta forma um integrante do grupo ao qual a mensagem do site é dirigida. Fato este que é primordial para transformar autor em um líder comunicacional, que repassa a informação para pessoas do mesmo grupo ao qual pertence.

Esta linguagem, tanto a estética quanto a textual, é mantida em todas as partes do site, só há mudança no conteúdo da mensagem, porém sempre mantendo o objetivo central.

A Biografia é dividida em três partes: Cronologia, Causos do rei e Entrevistas. Na Cronologia o autor do site parte desde a história da fundação de Exu, passando pela chegada dos primeiros antepassados de Luiz Gonzaga na região em 1860, o nascimento de Gonzaga em 1912 e sua morte em 1989. São treze páginas de informações sobre a trajetória do cantor, abordado inúmeros fatos que foram representativos na construção da sua imagem de ídolo.

Na parte de Causos do rei, estão publicadas dezenove passagens que foram produzidas com contribuições de pessoas que tiveram algum tipo de contato com Gonzaga. Estão todos em linguagem coloquial, demonstrando traços culturais das pessoas que conviviam com o artista e algumas expressões que são usadas pelo mesmo, as quais encontramos em diálogos no meio dos causos.

Lua Gonzaga ia dar um show na exposição do Crato - CE.

Isso ocorreu na década de 60. Infelizmente, não sei precisar data.

O fato é que Gonzaga estava numa barbearia, fazendo a barba, quando teve início um tiroteio entre os falecidos Édson Olegário de Santana e o Zé da Sombra. Era tiro pra

⁸ Bandido que agia no interior nordestino, e que andava sempre fortemente armado. (AURÉLIO, 2000, p.126)

todo lado, o povo correndo, se escondendo, mulher desmaiando, menino chorando,
velha rezando... E Luiz, tranqüilo, fazendo a barba.
Em dado momento, Gonzaga comentou:
- Menino... o São João aqui começa é cedo, né não? Óia só o fuguetório!!!
E o Barbeiro, O Mestre Afonsinho, esclareceu:
- Né fuguête não, Seu Luiz. É tiro mêmro!... Quaje todo dia é isso...
Contam que Luiz Gonzaga, que tinha horror à violência, saiu correndo com a barba feita somente a metade!
Será verdade? Sei não... só sei que foi assim! (site Luiz Lua Gonzaga)

Podemos notar nessa passagem os traços regionais e coloquiais, que remete a uma linguagem simples, que compõe a mensagem folkcomunicacional.

Na parte de Entrevistas temos duas entrevistas concedidas. Uma entrevista foi concedida ao jornalista Marcos Cirano e ao fotógrafo Pedro Luiz, num apartamento do bairro de Boa Viagem, Recife, a 17 de outubro de 1988. A outra concedida em 1977 ao pesquisador Nirez. Ambas passam pela trajetória de Gonzaga.

Passando agora para as Fotos, notamos que o autor do site dividiu-as em quatro partes: Momentos, Família, Amigos e Diversas. Em Momentos há a exibição de fotos de Luiz Gonzaga, desde sua juventude até os últimos dias de vida, desta forma mostrando as fazes da vida do artista. Na Família, temos fotos diversas de membros da família de Gonzaga. Em Amigos, vários pessoas que fizeram de alguma forma parte da história do artista. Já em diversas, fotos do funeral e do Parque Asa Branca, local onde encontramos o jazigo perpétuo do mesmo. Na maioria das fotos encontramos traços populares e típicos da região, como as vestes de Luiz Gonzaga que já foram abordadas pelo presente artigo.

Em Discos, Músicas e Letras, encontramos um enorme banco de dados, onde podemos encontrar um catálogo completo da obra de Gonzaga. Tudo separado entre discos de 78 Rotações, Lp's, Jingles e Letra. Dentro destes tópicos, não só encontramos a lista completa de sua obra, como também a disponibilidade do material em áudio para o apressado do receptor, transformando o site em um completo canal de difusão da cultura gonzagueana, onde além de termos conteúdo midiático do próprio site, ainda temos acesso a um o acervo completo de todas as músicas produzidas por Luiz Gonzaga. É importante citar também que nesta seção encontramos um tópico separado para as participações em discos de outros artistas, tornado o acervo bastante denso.

Seguindo o exemplo anterior, na parte destinada aos vídeos, encontramos também uma grande quantidade de material disponível. Ele está separado em Amadores e Inéditos, Cantando, Entrevistas e Despedida.



Todos os vídeos estão disponíveis para serem vistos e gravados, abrindo desta forma a possibilidade do receptor criar no seu micro o seu próprio acervo. Muitos desses trabalhos são raros e dificilmente seriam encontrados facilmente em outras mídias eletrônicas.

A parte destinada a Seguidores está ainda em construção, mas será destinada a apresentar uma pequena biografia dos seguidores do Rei do Baião. Mostrando desta forma as ramificações que foram criadas através da cultura gonzagueana.

Seguindo a ordem apresentada pelo menu encontramos depois Luiz Lua no Orkut, que é um link para a comunidade do site criada pelo autor na rede de relacionamentos Orkut.

Esta comunidade busca um canal de divulgação e discussão sobre o site Luiz Lua Gonzaga, ampliando desta forma a difusão da Cultura por meio de outros canais. Além da possibilidade da criação de enquetes, o que além de trazer feedback para o criador do site, pode também demonstrar por quais caminhos estão se enveredando a cultura gonzagueana.

Na parte Roteiro, abre-se um canal de divulgação de eventos e lançamentos de publicações de materiais que estão intimamente ligadas a Luiz Gonzaga, ou à cultura nordestina, que foi difundida pelas letras do cantor.

Para finalizar temos uma seção de agradecimentos do autor do site, Paulo Vanderley Tomaz, e um espaço para deixar recados, ou seja uma forma de comunicação com Paulo.

Notamos que o site apresenta um completo inventário da carreira, história e trabalho de Luiz Gonzaga, e tenta passar, seja de forma textual ou estética, um grande apanhado da cultura gonzagueana, cultura que nasce num berço popular, e através do povo e para o povo ela se difundiu pelo nordeste ganhando todo o Brasil.

O site Luiz Lua Gonzaga, é um exemplo de difusão desta mensagem folk, que resiste ao tempo e a novas tendências apresentadas pelos meios de comunicação de massa, meios que por vezes bebem na fonte da cultura popular, e acabam participando também da sua formação, como um movimento cíclico que nunca se estanca, tornando desta forma a cultura popular dinâmica.

Por isso nunca devemos parar de estudar a cultura popular e seus processos folkcomunicaçãois, pois eles sempre estão se modificando e encontrando novos canais e linguagens para se manifestarem.



Referências

AURÉLIO, Buarque de Holanda. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico por Cidades no Brasil**. Brasília: Disponível em: <www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em 15 de maio de 2007.

LAZARFELD, Paul. Os Meios de Comunicação Coletiva e a Influência Pessoal. In **Panorama da Comunicação Coletiva**. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1964.

Sítio LUIZ “LUA” GONZAGA. Fortaleza: Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em 10 de maio de 2007.

SARAIVA, Maria de Fátima Pinto. A Cultura Gonzagueana em Exu-PE. Crato: URCA – Universidade Regional do Cariri. Monografia de conclusão de curso de Especialização em História e Sociologia, 2006.

TOUSSAINT, Florence. *Crítica de la Información de Masas*. México: Trilhas, 1992.